



Qualis A3 ISSN: 2178-2008

ARTIGO

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



Os novos filósofos da extrema direita atual: Alexander Karp, arquiteto da nova ordem iliberal e profeta da República Tecnológica

The New Philosophers of Today's Far Right: Alexander Karp, Architect of the New Illiberal Order and Prophet of the Technological Republic

Gustavo Javier Castro¹

<https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>

<http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Alejandro Gabriel Olivieri²

<https://orcid.org/0000-0003-1068-8614>

<http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com

Informações da publicação

ISSN: 2178-2008

Recebido em: 19-06-2026

Aceito em: 16-08-2026

Publicado em: 24-08-2026

Palavras-chave:

Alex Karp;
tecno-capitalismo,
poder político;
democracia liberal;
extrema direita;
inteligência artificial.

Keywords:

Alex Karp;
techno-capitalism;
political power;
liberal democracy;
alt-right;
artificial intelligence.

Resumo:

Este artigo analisa a trajetória intelectual, empresarial e político-ideológica de Alexander Karp, cofundador e CEO da *Palantir Technologies*, situando sua reflexão no contexto das novas correntes tecno-políticas da extrema direita contemporânea. Inicialmente, examinam-se sua formação filosófica e sua tese doutoral sobre agressão, jargão e cultura, destacando a hipótese de que determinadas formas de agressividade podem atuar como mecanismos de integração e coesão social. Em seguida, aborda-se a articulação entre Karp, Peter Thiel e a Palantir, especialmente o papel estratégico da inteligência artificial, da análise massiva de dados e das tecnologias de vigilância e defesa na nova geopolítica global. O núcleo da análise concentra-se nas teses de *A República Tecnológica* e no manifesto divulgado pela Palantir em 2026, nos quais se defendem a superioridade tecnológica do Ocidente, a aproximação entre empresas de tecnologia e Estado, o fortalecimento do *hard power* baseado em *software* e a crítica ao relativismo cultural, ao pluralismo e à cultura woke. Conclui-se que, apesar do vocabulário republicano, a proposta de Karp tende a subordinar dimensões da soberania democrática a infraestruturas digitais privadas, configurando um projeto de iliberalismo tecnológico reacionário e de reconfiguração tecno-política do Estado.

¹ Possui graduação em Filosofia - Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008).

² Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília? UNB (2009), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina? UFSC (1995), Bacharel em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires? UBA (1985).

**Abstract:**

This article analyzes the intellectual, entrepreneurial, and political-ideological trajectory of Alexander Karp, co-founder and CEO of Palantir Technologies, placing his thought within the context of the new technological currents of the contemporary far right. It first examines his philosophical background and doctoral thesis on aggression, jargon, and culture, highlighting the hypothesis that certain forms of aggression may operate as mechanisms of social integration and cohesion. It then addresses the relationship between Karp, Peter Thiel, and Palantir, particularly the strategic role of artificial intelligence, large-scale data analysis, and surveillance and defense technologies in the new global geopolitics. The core of the analysis focuses on the theses presented in *The Technological Republic* and in the manifesto released by Palantir in 2026, which advocate Western technological superiority, closer ties between technology companies and the state, the strengthening of software-based hard power, and criticism of cultural relativism, pluralism, and woke culture. The article concludes that, despite its republican vocabulary, Karp's proposal tends to subordinate dimensions of democratic sovereignty to private digital infrastructures, thereby configuring a project of reactionary technological illiberalism and a techno-political reconfiguration of the state.

1.Introdução

Alexander Karp é uma das figuras mais enigmáticas, polêmicas e criativas no mundo das grandes corporações tecnológicas (*Big techs*) no início do século XXI. Um filósofo convertido em empresário e diretor executivo (CEO) de uma das empresas mais admiradas e criticadas nos dias de hoje. Sua trajetória o levou da filosofia acadêmica à vanguarda da inteligência artificial (IA) e da tecnologia militar. Posiciona-se como uma espécie de *profeta* que alerta sobre os riscos da crise da cultura ocidental, mas também é um empresário que constrói as ferramentas necessárias para garantir a supremacia mundial dos USA e do Ocidente. A trajetória acadêmica de Karp é um pilar da sua visão futurista, fusionando filosofia, direito e teoria social com o objetivo de comandar e prever o impacto da tecnologia na humanidade.³

Transformou-se num empresário megamilionário, cofundador e CEO da empresa de *software* e de IA *Palantir Technologies*. Karp obteve uma licenciatura em filosofia em Haverford College (Haverford, Pensilvânia) em 1989, estudou direito e se doutorou na *Stanford Law School* na Universidade de Stanford em 1992⁴ e fez um outro doutorado em teoria social neoclássica na Universidade Goethe de Frankfurt em 2002. Inicialmente foi aconselhado pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, mas como tinha um projeto de doutorado diferente dos temas e perspectivas habermasianas, o próprio Habermas o recomendou a outro orientador. Começou sua carreira acadêmica como pesquisador associado no Instituto Sigmund Freud em Frankfurt.⁵

Mais tarde se dedicou a administrar fundos de investimentos para megamilionários. Karp tem afirmado que fez investimentos em empresas emergentes e em ações após ter recebido uma herança do seu avô. Seu sucesso o levou a fundar a firma de gestão financeira *Caedmon Group*, com sede em Londres, para administrar o dinheiro de pessoas com alto patrimônio neto interessadas em investir com ele.

Em 2003, fundou com Peter Thiel, que havia sido companheiro de estudo em Stanford, *Palantir Technologies*. Foi considerado o CEO mais bem pago de uma empresa

³ Alexander Caedmon Karp nasceu em 2 de outubro de 1967 em Nova Iorque, USA, filho de Robert Karp, um pediatra clínico judeu, e Leah Jaynes Karp, uma artista afro-americana. Criou-se na Filadélfia e se graduou na *Central High School* em 1985. Tem afirmado várias vezes que luta desde muito cedo contra uma dislexia profunda na sua vida.

⁴ Foi em Stanford que iniciou o vínculo de amizade e profissional com um dos personagens chave de sua vida, Peter Thiel. Desde essa época debatiam, como ele mesmo diz, "como animais ferozes" sobre socialismo *versus* capitalismo. Esta relação, marcada por desacordos teóricos produtivos, estimulou sua transição de teórico acadêmico a empresário visionário, prefigurando sua profecia sobre um futuro em que a tecnologia atual empodera a humanidade contra as ameaças existenciais.

⁵ A tese doutoral de Karp, supervisionada pela psicóloga social Karola Brede, se intitulou "*Aggression in der Lebenswelt: Die Erweiterung des Parsonsschen Konzepts der Aggression durch die Beschreibung des Zusammenhangs von Jargon, Aggression und Kultur*" ("A agressão na experiência do mundo da vida: a extensão do conceito de agressividade de Parsons ao descrever a conexão entre jargão, agressão e cultura").

Sua tese sobre *agressão cultural* antecipa sua advertência de que a IA poderia exacerbar divisões humanas se não se dirigir para o bem comum, predizendo um futuro em que a tecnologia ocidental deve ser dominante para proteger a liberdade.



que começou a cotizar em bolsa no ano de 2020. Após a vitória de Donald Trump nas eleições de 2024, as ações da empresa Palantir subiram um 200%. Adotou pontos de vista socialistas e progressistas quando foi estudante em Stanford e disse que votou em Hillary Clinton em 2016. Tem condenado todas as formas e manifestações do pensamento «*woke*», qualificando-as como um risco central para suas empresas e para os USA em seu conjunto. Karp tem caracterizado a Palantir um “contraexemplo” para as empresas de alta tecnologia que ele considera “*woke*”.

A seguir, se analisam a relevância do papel de Karp e Thiel no debate geopolítico contemporâneo, a origem do nome Palantir inspirado nas obras de Tolkien. A política empresarial, tanto no mundo corporativo privado como no contexto governamental, suas ideias sobre a importância estratégica de uma empresa desenvolvedora de *software* e de IA para segurança e vigilância na defesa dos valores culturais dos USA e do Ocidente.⁶

No terceiro apartado se examinam alguns dos problemas filosóficos abordados por Karp em meados da década de 1990 durante sua época de doutorado em Frankfurt, na Alemanha. Na sua tese doutoral aborda a função da agressão que, em certas situações, age como cimento e estruturadora da coesão social, assim como a relação complexa entre a agressão e o jargão na sociedade atual.

No quarto, analisa-se a atual cosmovisão filosófica do Karp e frisa-se que seu último livro (Karp e Zamiska, 2025) é referência fundamental para entender uma das ideologias políticas mais influentes na extrema direita atual: o “tecno-autoritarismo” ou o “panoptismo digital”. (Coecklbergh, 2024) Enfim, compreender as análises sobre a condição política e cultural do presente por parte dos filósofos neorreacionários norte-americanos.

Na quinta e última parte, a partir do exame de algumas das 22 teses apresentadas publicamente pela Palantir em 2026, se avalia a proposta de Karp, como um dos exemplos mais sofisticados dos projetos distópicos de sociedade encampados pelas atuais elites tecnológicas. Alerta-se para o papel potencial que a filosofia e a teoria social podem desempenhar no debate político atual, ao influenciar conceitualmente nos horizontes tecnológicos e geopolíticos propostos.

Conclui-se que sua proposta de uma “República Tecnológica” implica uma reformulação do poder político ante os novos desafios do espaço digital e a rivalidade geopolítica. Em outros termos, apesar do vocabulário republicano, se desenvolve uma estratégia tecno-política que significa a transformação do Estado de direito numa filial de uma infraestrutura digital privada, esvaziando assim a soberania da sua dimensão democrática, ao defender um *iliberalismo tecnológico reacionário*.

2. Karp, Thiel e a empresa Palantir: a IA e a nova geopolítica global

Como se destacou antes, Karp é atualmente o CEO de *Palantir Technologies Inc.* hoje com sede em Denver, Colorado. Foi cofundada com seu amigo Peter Thiel e é na atualidade uma empresa de *software* especializada em análises de dados para segurança e vigilância. Thiel foi o arquiteto financeiro, já que aportou a soma inicial de mais de 30 milhões de dólares e a visão global sobre monopólio e inovação. Karp foi o arquiteto ideológico, nomeado CEO apesar de não ter experiência no setor tecnológico, e seu papel consistiu em transformar uma ferramenta de vigilância cibernética em uma missão patriótica e civilizacional.

O termo “Palantir” provem diretamente da obra do escritor Tolkien, especialmente de seu romance *O Senhor dos Anéis*. Nesse universo fantástico, os *Palantiri* são esferas de

⁶ Para uma análise mais acurada das ideias filosóficas de Peter Thiel, veja-se o nosso artigo “Os novos filósofos da extrema direita atual: Peter Thiel e a cosmovisão tecnocrática apocalíptica da política” (Olivieri e Castro, 2026)



cristal indestrutível que permitem, a quem as possuem, ver eventos que ocorrem em lugares distantes ou até mesmo momentos do passado e do futuro. Se utilizavam principalmente para a comunicação e vigilância dentro dos reinos da Terra média. Permitem tanto uma visão deslocada no espaço -podendo vigiar territórios distantes- quanto no tempo -oferecendo relances de cenas que parecem tiradas do passado ou do futuro-.⁷ Assim como essas esferas permitiam ver a verdade através da distância, o *software* de Palantir está desenhado para analisar volumes massivos de dados e encontrar padrões ou conexões que não são visíveis a simples vista.

Em 2023, 55% dos ingressos anuais da empresa procediam de clientes governamentais e 62% de clientes dos USA. Tem sido uma empresa de orientação política desde seus inícios. Além do capital aportado por Thiel, já nos seus inícios incorporou dois milhões de dólares em rodadas de investimentos de In-Q-Tel., a firma de capital de risco da CIA. Ao longo dos anos, Palantir tem defendido energicamente seus contratos com as agências governamentais, militares, de imigração e policiais dos USA “comprometendo-se apoiá-las quando fosse conveniente e quando não o fosse”.

Palantir tem proporcionado suas ferramentas impulsadas por IA também ao exército e às agências de inteligência de Israel ao menos desde 2017, incluído seu sistema de vigilância preditiva. Apartir do ataque terrorista de Hamas contra o território israelense em 2023, a empresa informou que “tem visto uma grande demanda de novas ferramentas por parte de Israel e tem estado proporcionando-lhe mais produtos que antes”. Em janeiro de 2024, celebrou sua reunião da junta diretiva em Israel e assinou uma associação estratégica com o Ministério de Defesa do governo Netanyahu para ajudar na estratégia bélica.

Karp tem afirmado em diversas ocasiões que as empresas de alta tecnologia como Palantir têm a obrigação moral de apoiar o exército estadunidense e que são agentes ativos na defesa dos valores de Ocidente, porque, segundo sua cosmovisão, Ocidente é uma forma *superior de viver*. Tem defendido o contrato com o temido Serviço de Imigração e Controle de Alfandega dos USA (ICE) durante a controvérsia sobre separações familiares de imigrantes (o Estado americano expulsa os pais imigrantes, mas retém seus filhos no seu território). Afirmou que se bem as separações são “um tema moral realmente difícil, complexo e discordante”, o ICE favorece “uma política de imigração justa, mas rigorosa”. Defende também que o governo dos USA deveria ter mão firme regulando a tecnologia, e que os países ocidentais têm o dever de dominar a pesquisa em IA.

Karp tem feito uma série de comentários polêmicos sobre a guerra em Gaza, apoiando firmemente o atual governo de Israel. Condenou energicamente as protestas pró-palestinas de 2024 nos *Campi* universitários dos USA, qualificando seus pontos de vista ideológicos de “religião pagã” y “uma infecção dentro da nossa sociedade”. Afirmou também que “os ativistas pela paz são ativistas de guerra”, e que os manifestantes deveriam ser enviados a Coreia do Norte.⁸ Suas opiniões coincidem com o fato de que a Palantir assinou quantiosos contratos com o exército e os serviços de inteligência de Israel em sua guerra contra Gaza, Beirute e Irã.⁹

⁷ O nome deriva da língua élfica Quenya, desenvolvida pelo próprio Tolkien e baseada no finlandês, grego e latim, significando algo como “vigiar” ou “olhar” ao longe. Esses artefatos mágicos, porém, são tratados com ressalva na mitologia de Tolkien, já que possuem um caráter *ambíguo*: podem conduzir ao erro e à perdição, ao mostrarem “revelações” de forma seletiva afetadas pela fraqueza dos observadores ou mesmo ao serem manipuladas por forças externas.

⁸ Para ler algumas dessas citações e aprofundar nas posições políticas de Karp ver o livro de Karp, Alexander e Zamiska, Nicholas. *A República Tecnológica. Tecnologia, política e o futuro do Ocidente*. Rio de Janeiro: Intrínseca editora, 2025.

⁹ Em 18 de abril de 2025, o investidor de *Silicon Valley*, Paul Graham, acusou a Palantir de “construir a infraestrutura de um Estado policial” e solicitou num posteo em X a um executivo de Palantir que se comprometesse a não criar produtos que pudessem utilizar-se para subsidiar o governo dos USA a violar os direitos constitucionais dos seus cidadãos. Em maio de 2025, numa conferência com investidores, Karp afirmou: “Palantir está aqui para revolucionar e converter as instituições com as que colaboramos nas melhores do mundo. E, quando for necessário, para assustar os inimigos e, em certas ocasiões, matá-los”.



Como se disse antes, a Palantir é notoriamente conhecida por seus negócios relacionados à análise e integração de dados para corporações privadas e agências governamentais, especialmente militares e sistemas de segurança. Dois são seus famosos “carros-chefes”: o primeiro é o *Foundry* -um sistema operacional para empresas “alimentado por ontologia” (*ontology-powered*)-. Este produto oferece a automação da cadeia de trabalho em uma empresa, baseando-se na organização “semântica, cinética e dinâmica” para harmonizar a organização através de uma “lógica universal” para representar “objetos, ações e processos” nos negócios.

O segundo é o *Gotham* -um “sistema operacional para tomada de decisões globais”-, voltado para o mercado militar, com slogans como “domínio da decisão do espaço à lama”, “orquestre o poder de combate” e “fortalecendo a cadeia de morte” (*Powering the Kill chain*). Este produto quase fala por si só, ou melhor, coloca um ex-secretário de defesa dos USA para falar por ele: “A Palantir criou tecnologias inovadoras que nos ajudam a tomar melhores decisões em zonas de combate. Está nos dando vantagens que precisamos agora”, são as palavras do general americano James N. Mattis.

Ao prometer uma superioridade de combate movida por IA, o serviço oferece fundamentalmente a sincronização de uma *rede entre soldados e máquinas*, com a infraestrutura de sensores que se encontram tanto em satélites quanto em drones de combate, “auxiliando” -autonomizando- a seleção de alvos e, assim, diminuindo o tempo necessário na cadeia produtiva da execução. É o que hoje se chama convencionalmente de “*AI kill chains*” (a cadeia de morte da IA) e que possui também um acrônimo: *Istar* (*intelligence, surveillance, target acquisition e reconnaissance*), uma palavra também retirada do *Senhor dos Anéis* (*Istar*, no plural *Istari*, são os magos da mitologia de Tolkien). As implicações, efeitos e consequências éticas e práticas desse tipo de tecnologia (sistemas autonomizados de armas letais integradas: acrônimo *LAWS*), são ainda objeto de muitos debates entre especialista em inteligência, civis e militares, e pela opinião pública ao redor do mundo.

Desde o primeiro governo Trump em 2017, os contratos da Palantir com o governo dos USA aumentaram em mais de 1 bilhão de dólares por ano, e as ações da Palantir dispararam desde 2024, após tornar-se aliada fundamental da administração do segundo governo Trump, fornecendo serviços, sobretudo para a CIA e para ICE, que representam diretamente a ideologia da extrema-direita MAGA (*Make Amerian Great Again*) do governo na política interna estadunidense e, ao decidir trabalhar com o Estado de Israel, admitindo participar diretamente da cadeia de massacres na Palestina ocupada e também ao ter um papel central nas guerras da Ucrânia, Beirute e Irã.

Os *Palantiri* de Tolkien são ferramentas neutras, mas poderosas. Sua utilidade depende da *vontade* e da *ética* de quem as usa. Isso reflete bem a postura da empresa sobre o papel da tecnologia na segurança nacional e na inteligência estratégica. Uma ferramenta para que os humanos tomem melhores decisões visando prevenir acidentes que afetem a estabilidade política, econômica e social de seus Estados.

A eleição do nome Palantir mostra a identidade da empresa como uma organização que opera na *intersecção* da tecnologia avançada e da estratégia geopolítica, utilizando a metáfora da pedra que vê tudo para descrever sua capacidade de processamento de dados e de informação. Esta extraordinária aliança empresarial se tornou uma frente unida ativa pela soberania tecnológica do Ocidente. Thiel e Karp compartilham uma premissa fundamental: *as democracias ocidentais e do mundo livre só poderão sobreviver se possuírem uma superioridade tecnológica total sobre seus adversários*.



Anos antes de que a “desglobalização” fosse um termo comum, Karp alertou que o mundo se dirigia a uma fratura onde a alta tecnologia seria o principal campo de batalha. Sugeriu que as democracias do mundo livre deveriam possuir as melhores ferramentas tecnológicas para evitar a hegemonia de modelos autoritários (especialmente China e Rússia) e profetizou que para meados do século XXI, a soberania de uma nação não se mediria necessariamente pela sua moeda, arsenal militar ou projeção global de sua cultura (*soft power*), mas pelo seu *poder de fogo cibernético (hard power)*.

O tecido social se manterá unido graças a sistemas operativos de IA que gerirão a cadeia de suprimentos para o comércio internacional, respostas às pandemias, às catástrofes naturais e até à exploração espacial. Não será uma IA que subsistirá a humanidade, mas uma que permitirá ao ser humano “ver” através e além da complexidade de trilhões de dados. Os países que não conseguirem integrar sua informação de saúde, defesa e economia em um modelo digital avançado serão incapazes de reagir às crises climáticas, econômicas e biológicas e se tornarão *estados falidos digitais*.

Parece que a profecia de Karp sobre a guerra algorítmica, em algum sentido, se materializou. O conflito bélico já não se decide apenas pelo número de tanques ou de soldados no chão, mas pela capacidade de processar dados satelitais e sinais de rádio em milissegundos, para poder tomar decisões imediatas no próprio campo de batalha. Compreendeu de modo antecipado que o futuro pertence a quem consiga dominar a *fricção* entre o caos dos dados e a necessidade de ordem. Parafraseando o Karl Marx, um filósofo que não se limita a interpretar o mundo, mas que constrói o *software* para transformá-lo.

Sua cosmovisão sobre a importância da segurança e defesa cibernéticas, a ética na codificação programática e a superioridade tecnológica do “Ocidente livre” já não são meras teorias. São a crua realidade sobre a qual se está reconstruindo a nova ordem mundial. A República Tecnológica proposta é uma ordem na qual a soberania não reside no território, mas na capacidade de processar a realidade antes que o adversário. Karp se representa a si mesmo como o arquiteto da infraestrutura invisível que permite que as instituições democráticas não colapsassem sob o peso de sua própria complexidade. Sua profecia é clara: o desenvolvimento tecnológico em IA é o único caminho para preservar a liberdade num mundo que parece tornar-se irremediavelmente cada vez mais autoritário. (Karp e Zamiska, 2025)

3. As primeiras questões filosóficas abordadas por Alexander Karp em meados da década de 1990

Quando Karp chega a Alemanha em meados da década de 1990 para fazer um doutorado em teoria social neoclássica na Universidade Goethe de Frankfurt, a pergunta filosófica que deseja responder diz respeito a como a *agressão* pode tornar-se um elemento de *integração social*, ou seja, pesquisar a função de um tipo de violência como fator de coesão na sociedade.

Karola Brede, sua orientadora de doutorado, afirmou que entre 1994 e 1995, participaram juntos no desenho do Programa de Investigação em Ciências Sociais da Universidade de Frankfurt. Criaram um módulo sobre autoritarismo, com enfoques sociológicos e psicanalíticos, e ali abordaram a questão da agressividade, que era o tema da sua tese doutoral. Karp se entusiasmou com esse trabalho conjunto e se integrou no seminário falando sobre a agressividade e a violência contra os judeus durante o nacional-socialismo, durante as guerras e, sobretudo, sobre a ideia, muito comum nos debates públicos da época, de como compreender a agressividade da cultura alemã durante o nazismo. Defendeu que esses temas não podiam ser abordados apenas desde um ponto



de vista psicológico, mas que tinham que ser tratados de uma forma muito mais abrangente. A agressão deveria ser analisada, ao mesmo tempo, como um fenômeno psíquico e de comportamento e, fundamentalmente, como cultura, porque podia exercer uma influência tanto construtiva quanto destrutiva sobre o mundo exterior.¹⁰

Karp se interessou na época de doutorado pela agressão, mas o que mais aparece no texto da tese é o conceito de “jargão”, tal como analisado por Theodor Adorno nas suas críticas ao “jargão da autenticidade”. (Adorno, 2002) Para Karp, o jargão é sempre inautêntico: só há engano, falta de autenticidade, falsidade. O principal efeito do uso do jargão é que só inclui aqueles que formam parte do grupo, mas na sua interpretação o jargão não impera apenas em certos grupos, mas também no conjunto da sociedade.

Nos seus textos mais atuais, Karp utiliza o conceito de “jargão” para desmascarar o que ele chama de “discursos vazios” das elites liberais progressistas e do liberalismo corporativo (enquistados nas *Big Techs* do Vale do Silício). Na sua visão, esses jargões ocultam a fraqueza estrutural, falta de poder prático e de envolvimento político dessas mesmas empresas.

O determinante é que Karp aborda um fenômeno que tem se estudado pouco na história da Sociologia. Desde Durkheim, a questão-chave é saber o que mantém a *coesão* numa sociedade moderna complexa, composta por uma multidão de indivíduos diferentes e cada vez mais diferenciados. O mesmo assunto ocupou o centro das preocupações dos denominados “teóricos da integração”, incluindo Talcott Parsons. Em geral, a sociologia clássica entende a agressão como um fator *negativo* para a sociedade moderna, que deve estabelecer e manter constantemente a coesão social para não se desintegrar. Como comportamento, motivação ou atitude, a agressão é em si mesma algo que separa, divide, destrói etc. e que está, portanto, nas antípodas da coesão social.

A hipótese de Karp, ao contrário, consistia em mostrar que a agressão, também podia ser, *em certas ocasiões*, um poderoso integrador social. Afirma que existem formas de agressão que não se percebem como um desvio ou uma anomalia, como algo chocante ou perturbador, mas que são aceitas, consideradas normais e justificadas pelos fundamentos culturais em que todos nós baseamos nossa comunicação e nossos juízos. A agressão se considera um elemento legítimo de toda sociedade e se aceita na dimensão *normativa*. Em outras palavras, a agressão pode funcionar como uma *força cultural e linguística estruturada* por meio do jargão para dar coesão à sociedade.¹¹

Os extremistas de direita que se *sentem* pouco integrados na sociedade, proferem comentários e cometem atos que normalmente não seriam aceitáveis, mas que não são suscetíveis de serem tratados judicialmente e, no entanto, infringem gravemente as normas sociais. Este comportamento, que une agressão e jargão, não só não é sancionado, mas é aceito e, em certos círculos, goza do apoio e da aprovação necessários para continuar a se desenvolver como prática social legitimada.

Nas análises de Freud, a *cultura* e as *pulsões* em forma de necessidades e, é claro, também de agressividade, se *opõem* de forma complexa. Esses dois aspectos da vida social influenciam os membros da sociedade e cada indivíduo que a compõe, desgarrando-os de certa forma. (Freud, 2011) Por um lado, há um mundo cultural de normas e valores sobre um fundo de conhecimentos de base sempre interpretados de forma diferente. A esse “mundo da vida”, por outro lado, se soma algo que tem a ver com as necessidades ou

¹⁰ Os conhecimentos teóricos de Karp na sua formação filosófica nos USA não eram só filosóficos, mas também marcadamente sociológicos. Em particular, recebeu a influência da teoria estruturalista de Talcott Parsons, e, sem dúvida, a influência de Georg Simmel, Merton e Freud, e na Alemanha se somou também o interesse em Hegel, Schmitt, Adorno, a escola de Frankfurt, especialmente Habermas, entre outros.

¹¹ A aceitação e legitimação da agressão, sobretudo no discurso político atual, continua hoje objeto de debates filosóficos e sociológicos e, portanto, deve ser mais bem analisada nas suas múltiplas dimensões.



desejos que alguém tem ou pode ter, mas que não devem expressar-se nas interações sociais. Em suma, há uma *vinculação* estreita entre agressão, uso do jargão e códigos culturais compartilhados dentro do “mundo da vida”.

4. Análise das principais teses filosóficas da República Tecnológica

4.1. A República Tecnológica como manifesto tecno-político

A perspectiva teórica e ideológica do Karp mudou muito no seu último livro, *A república tecnológica. Tecnologia, política e o futuro do ocidente* (Karp e Zamiska, 2025), se comparada com suas posições na tese de doutorado. Também influenciou nessa mudança o acontecido durante a guerra que seguiu ao 7 de outubro de 2023, data do atentado terrorista de Hamas em Israel. Sua atual cosmovisão foi impactada pelo assassinato bárbaro de judeus por parte do grupo terrorista Hamas, no próprio território israelense, e a posterior resposta militar rápida e a massacre perpetrada pelo governo de Israel sobre os territórios palestinos na franja de Gaza. Enfim, a questão da espiral de violência e o medo coletivo, após o atentado terrorista e a resposta militar do governo de Israel, estão no âmago das suas teses no livro.

O livro escrito por Karp em parceria com Nicholas Zamiska, chefe de assuntos corporativos e consultor jurídico da Palantir, é seu *manifesto* tecno-político definitivo. Pode considerar-se um dos melhores exemplos da cosmovisão filosófica dos tecno-ideólogos determinantes no mundo da geopolítica contemporânea. O profetismo de uma sociedade melhor que se percebe no livro-manifesto é uma ruptura com o negativismo da ilustração presente na tese doutoral. As novas posições aparecem, porém, dissociadas de uma tentativa de apaziguar o medo, e se inscrevem no arcabouço ideológico de um *tecno-otimismo militante* de uma *tecnologia panóptica benéfica*.

É um livro fundamental para entender uma das ideologias contemporâneas mais influentes nos círculos do poder global que poderia se chamar de “tecno-autoritarismo” ou de “panoptismo digital”, ou seja, as novas formas da vigilância planetária na época da condução algorítmica. (Varoufakis, 2025) Enfim, um texto para melhor compreender as análises e interpretações sobre a condição política e cultural do tempo presente, por parte dos filósofos neorreacionários norte-americanos.¹²

Karp argumenta que o Ocidente (liderado pelos USA) perdeu sua ambição tecnológica criativa e que a sobrevivência da democracia nos países ocidentais depende de um *realismo tecnológico agressivo*. Prediz que nos próximos 30 anos, a IA definirá o poder e a liderança globais, com o Ocidente e seus “aliados do mundo livre” na vanguarda do processo, se as *Big Techs* do *Silicon Valley* se alinharem explicitamente e *sem restrições éticas* com o complexo militar e industrial norte-americano.

Já no *Prólogo* faz uma declaração polêmica dirigida aos seus colegas que comandam as maiores empresas digitais e de IA do Vale do Silício. Afirma que lhes foi roubada a uma geração inteira de executivos e empreendedores, surgidos nas décadas recentes, sobretudo após os atentados terroristas de 9-11-2001, a oportunidade de formar visões mais realistas sobre o mundo atual e a geopolítica global. Esse diagnóstico tem deixado em descoberto uma classe CEOs cujo principal objetivo parece ser pouco mais do que garantir sua própria sobrevivência egoica e restringir sua criatividade apenas aos

¹² O livro está cheio de referências, de diálogos teóricos e de citas de uma grande quantidade de filósofos de diferentes perspectivas teóricas, desde John Rawls a Robert Oppenheimer. Também se citam e se criticam as posições de Douglas Obstarer e de Gödel Escherbach, estrelas do pós-modernismo e defensores do relativismo cultural. Retoma a tese de Benedict Anderson das “comunidades imaginárias”, se acerca também a Richard Sennett, discute com Martha Nussbaum, refere ao conceito de “nação” de Ernst Renan e se aproxima das ideias éticas de Alastair MacIntyre. Revisa pensadores como Thorstein Veblen e teóricos da arte e da cultura como Kenneth Clark e, sobretudo, mostra sua admiração, a mesma de Peter Thiel, pela filosofia política Leo Strauss.



apelos de uma *cultura do entretenimento* e aos desejos e demandas de consumidores hedonistas globais.

"O Vale do Silício perdeu seu rumo." Assim começa o primeiro capítulo. Segundo o autor, os donos e CEOs das *Big Techs* não sentem necessidade alguma de desenvolver nem transmitir publicamente suas opiniões sobre os problemas relevantes, morais e políticos, que afetam a vida cotidiana dos seus concidadãos. A maioria das empresas de *software*, com a capacidade e o dever de liderar a estruturação da geopolítica norte-americana, permanece alheia ou pouco consciente do seu poder no grande jogo do *hard power* global. Em outras palavras, percebe-se nessas lideranças a falta de um diagnóstico realista, uma estrutura de crenças fortes e um sistema normativo que ofereça *sustentação filosófica* ao *tecnocapitalismo* atual.

Karp caracteriza a *Palantir Technologies* como uma empresa que assume de forma explícita a obrigação de apoiar as FF.AA. estadunidenses e permanentemente ativa na defesa dos valores ocidentais porque, como afirma sem rubor, o Ocidente é uma *forma superior de vida*. Uma das questões tratadas é "o fim da complacência", pilar fundamental que legitima a necessidade de uma república tecnológica. Segundo ele, mas também outros autores como Peter Thiel (2014), Nick Land (2022) e Curtis Yarvin (Miranda, 2026), Ocidente caiu numa trampa intelectual e moral que põe em risco sua própria existência. Esse perigo baseia-se em uma série de questões que serão analisadas a seguir.

4.2. Algumas questões filosóficas tematizadas no livro

Em primeiro lugar, mostra a falácia do "fim da história" de Francis Fukuyama (1992), quem sugeriu já em 1989 que a conjunção da globalização, democracia liberal e livre-mercado representava o ponto final da evolução ideológica da humanidade. Ao contrário, uma das teses centrais do Karp diz respeito a que a garantia de sobrevivência da liberdade nas sociedades democráticas requer algo a mais do que um atrativo moral (*soft power*), requer um poder duro (*hard power*) que se construa com *software*. Com esse *hard power* sustentado no *softwear* construir-se-á uma nova forma de fazer e ganhar a guerra e, assim, garantir a liberdade dos USA e do Ocidente.

Em segundo lugar, alerta sobre a falácia e a miragem da "paz longa e douradora". Várias gerações nos USA viveram sem conhecer uma guerra entre as grandes potências, e essa ausência de conflito permitiu que as preocupações da sociedade derivassem para assuntos triviais do capitalismo tardio -a *cultura do entertainment*-, ignorando a dura e sombria realidade da constante luta geopolítica pelo poder e hegemonia global. O Ocidente tem se envolvido em debates intestinos fúteis, enquanto seus adversários (ex. Xi Jinping e Vladimir Putin) não se detêm a debater os méritos éticos do desenvolvimento de tecnologias críticas.

Em terceiro lugar, afirma que as empresas de IA tem uma *obrigação moral afirmativa* de colaboração com o Estado, o que explica a posição atual da *Palantir* na segunda administração Trump como uma *empresa privada sistêmica* do Estado americano. Esse compromisso político com o Estado americano sustenta a ideia de que a elite da engenharia de IA e as empresas de *software* de *Silicon Valley* não podem mais permanecer neutras ou à margem dos *interesses nacionais* da mesma sociedade que permitiu e alavancou seu próprio sucesso tecnológico e financeiro.

Em quarto lugar, há uma aposta -isso se relaciona com a obsessão do seu sócio Peter Thiel com o Anticristo- pela qual os tecno-gurus de *Silicon Valley*, enquanto defensores de uma *lógica aceleracionista*, devem aprofundar os processos tecnológicos em curso. As suas decisões geopolíticas, seriam, por assim dizer, a força moral e política -o farol da nova cultura- destinada a lutar contra o *Anticristo*, identificado com o globalismo



progressista e moralista hegemônico, que coloca reparos e limitações éticas aos desenvolvimentos da IA.¹³

Em quinto lugar, faz uma crítica ao que denomina “agnosticismo tecnológico”. Segundo ele, há uma tendência entre as lideranças atuais das *Big Techs* a serem agnósticos tecnológicos, pessoas que de fato acreditam no poder das suas criações, mas se negam a comprometer-se com posições firmes sobre o *propósito nacional* das suas criações e como elas deveriam servir aos valores ocidentais. Essa ausência de convicção geopolítica clara gera um *vazio moral* que faz com que a alta tecnologia só sirva a uma elite reclusa e isolada, mas não ao Estado e à sociedade como um todo.

Em sexto lugar, há uma crítica ao conceito e as práticas do “politicamente correto”, quer dizer, à cultura woke. Discorre-se sobre a estética política vigente, propõe-se um câmbio radical na valorização da liderança e do sucesso institucional, e priorizando a eficácia sobre o comportamento: as instituições adolecem de uma *crise de legitimidade* pela *falta de resultados*. Também se refere à autocensura produzida por uma cultura da empatia e do “teatro burocrático” e critica-se a cultura organizacional atual que privilegia, acima de tudo, o ser amável e o evitar conflitos etc. Essa *empatia anti-conflito*, típica da cultura woke, produz uma *prisão corporativa ineficiente* da que se deve libertar urgente.

Em sétimo lugar, faz-se uma distinção conceitual entre o “correto” e o “bom”. Rejeita-se o “discurso antisséptico”, que só se preocupa com a *equidade processual* (o correto). Pelo contrário, deve-se voltar às visões ético-políticas da filosofia clássica sobre o tema da “vida boa”, tão relevantes para a filosofia greco-romana (o bom), que, segundo Karp, já fizeram e farão novamente avançar a humanidade. Para ele, *o que faz avançar a humanidade é a IA absolutamente sem limites em poder do Estado*, e, portanto, que esse *hard power* do Estado possa decidir de forma direta e rápida, sem nenhum limite nem constrói cidadãos por parte das instituições democráticas representativas escolhidas pelo voto popular soberano.

Alguns críticos das teses defendidas por Karp alertam que o que está em jogo nessa cosmovisão não é uma questão de competição tecnológica, mas uma guerra total e aberta pelo controle da *infraestrutura cognitiva* do Estado. Essas empresas sistêmicas estão lutando por contratos milionários, enquanto o governo dos USA já tem escolhido um bando ao preferir a *Palantir*, o que não é uma coisa nova. Segundo eles, o sistema democrático enfrenta-se a uma elite tecnológica parasitária que pretende dar vazão aos seus delírios de IA para a guerra, que está jogando uma batalha de altíssimo risco, e que tenta convencer à cidadania como um todo de que o faz pelo bem comum (o nosso bem). De fato, o que propõe explicitamente Karp é a criação de um novo *Projeto Manhattan* relacionado com o *software* e a IA.¹⁴ Em resumo, algumas definições conceituais apresentadas no livro

¹³ Há que relacionar essas análises com as teses do *movimento aceleracionista*, do filósofo britânico Nick Land (2022), que preconizam que o desenvolvimento do capitalismo atual tem que acelerar sem limites, mesmo que tenha componentes destrutivos, porque isso, no final, é a expressão da “essência humana”, e temos, portanto, que realizar a essência humana o mais rápido possível. Também com as teses dos defensores da *Singularidade* e do *transumanismo* (Kurzweil, 2019), que defendem o desenvolvimento sem limites do *software* e da IA, ao afirmarem que as máquinas já não precisam mais dos humanos porque os superaram em eficiência e aprendizado.

¹⁴ Palantir desenvolveu um *software* chamado *The Objection*. *Objection* se apresenta ao público como uma espécie de Tribunal de IA da Verdade. O objetivo alegado é resolver disputas factuais no jornalismo em 72 horas. Para poupar anos e centos de milhões de dólares em juízos, vão se desenvolver procedimentos rápidos através de um processo combinado de seres humanos e IA. O processo visa apresentar a objeção, o sistema a desagrega automaticamente em alegações factuais concretas e se notifica o autor -o jornalista ou o médio jornalístico- para que tenha a oportunidade de responder e apresentar contraprovas. Se determina e se escolhe um investigador profissional *freelance*, e o equipo está formado por ex-agentes da FBI, da NSA, da CIA, da Inteligência Militar, e jornalistas de investigação premiados. Depois disso, há a recolção e a análise da evidência, uma espécie de juízo rápido, e, finalmente, a adjudicação de um tribunal por parte da IA. O jurado estaria formado por cinco modelos de IA de última geração, OpenAI, Anthropic, XAI, Grok, Mistral e Google, que analisariam toda a evidência, afirmação por afirmação. Estariam guiados por um JPT, *Judicial Purpose Transformer*, personalizado, e se lhes instruiria para atuar como leitores médios e emitir um veredicto, binário ou matizado, seja verdadeiro, não sustentado ou falso.



- a) defendem a supremacia dos USA como a reserva moral do Ocidente e adscrevem, com limites, ao credo transumanista que postula a supremacia tecnológica da IA em relação à inteligência humana;
- b) impulsionam a intervenção das *Big Techs* do *Silicon Valley* no desenvolvimento de armas com IA;
- c) asseguram que a IA é um elemento central de *dissuasão* bélica;
- d) rejeitam qualquer vestígio de convivência cultural e religiosa com civilizações diferentes;
- e) chamam a resistir toda tendência ao pluralismo e à inclusão sociocultural (multiculturalismo);
- f) estão convencidos de que a democracia liberal representativa é injusta e está em declínio.

4.3. Os desafios para a reconstrução de uma República Tecnológica

A quarta e última parte do livro, “A reconstrução da República Tecnológica”, é a mais propositiva e mostra explicitamente as ideias e a utopia política do neorreacionarismo filosófico atual. Para o autor, os juízos estéticos têm a ver fundamentalmente com juízos morais e articulam uma ideologia. Entretanto, o *medo coletivo* reinante no mundo de hoje de fazer afirmações sobre a verdade, a beleza, a vida boa e, é claro, a justiça, levou a adotar uma versão aguada da *identidade coletiva*, incapaz de proporcionar uma direção significativa à experiência humana.

Atualmente, diz Karp, considera-se que todas as culturas são iguais. A crítica e os juízos de valor parecem estar proibidos. Entretanto, esse novo dogma do politicamente correto passa por alto o fato de que certas culturas e subculturas, incluindo as formas e hábitos organizativos de *Silicon Valley*, apesar de seus defeitos e contradições, têm produzido artefatos culturais criativos. Mas, pergunta Karp, deveríamos ficar sem meios nem critérios para distinguir entre a arte que nos faz avançar, as ideias que nos fazem progredir humanamente das que não o fazem? Corremos o risco que o medo de se pronunciar, de falar, de preferir, nos tenha deixado sem direção nem confiança na hora de organizar nossos recursos e talentos compartilhados. O medo nos fez retroceder e reduzir nosso *sentido do possível*, e tem permeado todos os aspectos das nossas vidas. Karp não considera que haja culturas igualmente válidas, é contra o pretendido relativismo cultural pós-moderno contra o qual se mobiliza o pensamento tecno-totalitário e hiper ocidentalista. (Di Cesare, 2026)

O abandono do ponto de vista *estético* é, segundo Karp, letal para a construção de tecnologias. A importância do estético é central no desenvolvimento tecnológico e especialmente no desenvolvimento das indústrias tecnológico-computacionais, de IA e de vigilância planetária como a *Palantir Technologies*. A criação tecnológica é tanto uma arte como uma ciência. A criação de *software* requer gosto estético, tanto como a elaboração dos programas e a seleção das personalidades necessárias para criá-los. O pioneiro é alguém que combina a inovação, o rigor da execução da engenharia, com ideais que não têm medo das circunstâncias conjunturais do mercado. São esses os fundadores que ele qualifica como *iconoclastas técnicos* e que são capazes de abrir novos caminhos.¹⁵

Esse enfoque permitiu a toda uma geração eludir as questões mais espinhosas sobre o que constitui uma vida boa, os limites e o conteúdo da identidade nacional e a busca humana de sentido. *Silicon Valley*, em sua forma original, foi um produto dessa

¹⁵ Segundo Karp, uma das principais vantagens de *Silicon Valley* foi a adoção, embora imperfeita, dubitativa e cheia de contradições, de uma *sociedade de propriedade*. Um regime em que o trabalho e o talento criativo dos organizadores tinham um interesse substancial no sucesso e nos resultados das empresas que estavam construindo.



tradição intelectual, de um agnosticismo cultural e moral que evitava com diligência qualquer aproximação a opiniões existenciais sobre o que significa a vida boa. Na sua avaliação, os “siliconianos” deveriam construir hoje uma *república tecnológica*, um experimento comunal rico, próspero e escandalosamente criativo.

Há um tema que obsessiona Karp que pode resumir-se na palavra “exemplaridade”. A filosofia atual deveria recuperar o “exemplo” e defender um “exemplarismo” contemporâneo. Esta questão relaciona-se diretamente com um aspecto fundamental de nossa civilização, que deve insuflar de vida às antigas ortodoxias religiosas. Este é um fenômeno crucial da contemporaneidade: o retorno da religião e o retorno da fé e a importância que esse tema tem em certas correntes filosóficas atuais e, especialmente, a relevância do debate que tem como principal referência uma pensadora como a Simone Weil (2025).

A esquerda do *establishment* tem fracassado na sua causa e socavado profundamente seu potencial. Tem fracassado no seu anti-nacionalismo, quer dizer, em sua incapacidade para participar da nação, na chave interpretativa de Benedict Anderson, de uma nação como uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2008). Como Karp é um pensador anti-igualitarista e um defensor das ideias meritocráticas, a frenética busca de um igualitarismo superficial acabou por esvaziar de conteúdo seu projeto político progressista mais amplo e atrativo.

Por tais motivos, Karp é um crítico do que se denomina “cultura *woke*”, pensamento ou a atitude *woke*, que defende uma maior *especificidade cultural* em educação, tecnologia, política etc. Na sua opinião, a *neutralidade vazia* do momento atual corre o risco de afrontar nosso discernimento racional crítico. Deve se lutar para que haja a possibilidade de uma ressurreição de uma *cultura compartilhada*, e não seu abandono, fundamental para uma coesão sólida e permanente, enfim, para nossa supervivência. A aversão à experiência e ao esforço coletivo faz que os USA e sua cultura sejam vulneráveis aos ataques e às infiltrações culturais indesejáveis.

Na atualidade, os principais valores e traços culturais da sociedade estadunidense que se compartilham não são cívicos nem políticos, mas aqueles que giram em torno ao entretenimento, aos esportes, aos famosos e à moda. Os antigos meios de fabricar uma nação, os rituais cívicos de um sistema educativo, o serviço obrigatório na defesa da nação, a religião, um idioma compartilhado e uma imprensa próspera e livre, foram praticamente desmantelados ou tem definhado pelo seu abandono. O argumento precípua de Karp é que o caminho a seguir passa pela *reconciliação* do compromisso nacional com o livre-mercado, a atomização e pluralidade dos desejos e necessidades individuais com o insaciável desejo humano de experiência e esforço coletivos.

No entanto, a atomização da vida cotidiana nos USA e, em geral, no Ocidente, deixou uma via livre às empresas tecnológicas, entre elas à *Palantir Technologies*, para recrutar e reter uma geração de talentos que queriam fazer algo mais que brincar com os mercados financeiros e/ou desenvolver apenas aplicativos de entretenimento.

Outras nações, diz Karp, incluídos muitos dos nossos inimigos geopolíticos, já compreenderam o poder da afirmação de tradições culturais: a necessidade de uma mitologia e, sobretudo, de valores compartilhados para organizar os esforços de um povo. Essas nações concorrentes são muito menos tímidas na hora de reconhecer a necessidade humana da *experiência comunitária*. Esses inimigos são capazes de administrar melhor suas mitologias, referindo-se à importância que têm essas mitologias nos adversários dos USA (os exemplos são a China e a Rússia). É verdade que o cultivo de um nacionalismo demasiado robusto e pouco reflexivo tem seus riscos, segundo Karp, mas o rechaço de qualquer forma de vida em comum também os tem. A reconstrução de uma república



tecnológica nos USA e no resto do mundo, requererá voltar a aceitar a experiência coletiva, um propósito comum e uma identidade compartilhada, em suma, os *rituais cívicos* capazes de nos unir num projeto coletivo para garantir e fortalecer a liderança global.

É justo e necessário *desmantelar* a antiga ordem, mas agora devemos construir algo juntos em seu lugar: *construir uma República Tecnológica*. Em outros termos, tem que dar todo o poder aos tecno-políticos, aos tecno-totalitários, aos tecno-nacionalista. Tem que entregar a IA os seus proprietários, mas devemos dar-lhes a orientação e a imposição dos valores da nação. Por isso, uma *aliança* entre as empresas de IA e o Estado

é a condição necessária para retomar a rédeas da hegemonia global. (Bria, 2025)

5. O “Manifesto da Palantir”

Um novo *manifesto político-tecnológico* resumido e divulgado em 2026 pela companhia estadunidense de software Palantir tem gerado acalorados debates no Vale do Silício, nos USA e no mundo todo.¹⁶ Em seu perfil no X (ex-Twitter), a empresa resumiu em 22 pontos as principais ideias do livro do Alexander Karp e Nicholas W. Zamiska. (Ver anexo) As 22 teses apresentam um resumo de algumas das ideias que se analisaram no apartado anterior. A seguir, se enumeram e examinam algumas poucas delas para não repetir o dito anteriormente.

Michael Steinberger publicou recentemente o livro *The Philosopher in the Valley: Alex Karp, Palantir, and the Rise of the Surveillance State* (“O filósofo no Vale: Alex Karp, a Palantir e a Ascensão do Estado de Vigilância”). Uma das suas hipóteses diz respeito a que parte do sucesso da empresa se deve ao fato de ter desenvolvido sua tecnologia lado a lado com os serviços de inteligência dos USA. Uma boa parte dos especialistas em cibersegurança concorda que não existe no mundo um software de análise de dados que possa ser comparado, em termos de complexidade, quantidade e alcance, com os da Palantir, especialmente em relação à segurança e à inteligência militar. (Steinberger, 2026)

“O Vale do Silício deve uma dívida moral ao país que tornou possível sua ascensão. A elite de engenharia do Vale do Silício tem uma obrigação afirmativa de participar da defesa da nação”, começa a postagem, para, em seguida, prosseguir em tom belicoso. “Os limites do poder brando, da retórica elevada sozinha, foram expostos. A capacidade de sociedades livres e democráticas de prevalecer requer algo mais do que apelo moral. Requer poder duro, e o poder duro neste século será construído sobre software.”

“A questão não é se armas de IA serão construídas; é quem as construirá e para qual propósito. Nossos adversários não pausarão para se entregar a debates teatrais sobre os méritos de desenvolver tecnologias com aplicações críticas militares e de segurança nacional. Eles prosseguirão”, pontua o texto, que defende a obrigação moral das empresas de tecnologia participarem da defesa nacional e da reconstrução do poder ocidental.

O texto defende a revisão de um pacto que foi realizado depois da Segunda Guerra Mundial. “A neutralização pós-guerra da Alemanha e do Japão deve ser desfeita. O desarmamento da Alemanha foi uma super correção pela qual a Europa agora está pagando um preço alto. Um compromisso similar e altamente teatral com o pacifismo japonês, se mantido, também ameaçará mudar o equilíbrio de poder na Ásia”, afirmam os autores.

“Devemos resistir à tentação superficial de um pluralismo vazio e oco. Nós, na América e mais amplamente no Ocidente, resistimos por meio século a definir culturas

¹⁶ «The Technological Republic, in brief», post en la cuenta de X de Palantir, 18 de abril de 2026.



nacionais em nome da inclusividade. Mas inclusão em quê?”, termina a postagem, apontando para uma *guerra cultural* com conotações fortemente ideológicas.

Quando uma empresa privada se dá como missão definir quem deve ser vigiado, visado, neutralizado, e publica simultaneamente um texto explicando que contestar isso seria uma fraqueza civilizacional, não estamos presenciando apenas numa estratégia empresarial: estamos de frente a uma *privatização do poder soberano*. O direito de decidir quem é o inimigo, que sempre foi o *gesto político fundador* dos Estados, está sendo assumido por uma empresa privada listada na Nasdaq.

Assim resume o texto da Palantir o consultor e especialista em Tecnologia e Justiça Christopher Boutry. “Esse manifesto se baseia em um único truque de mágica, repetido em vinte formas diferentes: tornar inevitável o que na verdade é uma escolha. As armas de IA? Elas serão construídas de qualquer jeito, então tanto faz se formos nós. A vigilância algorítmica? A realidade geopolítica a exige. O rearmamento do Ocidente, a hierarquia das culturas, a desqualificação do pluralismo como uma ingenuidade perigosa? Simples lucidez diante do mundo tal como ele é. É o gesto ideológico por excelência: não proibir a questão, mas torná-la indecente”, avalia.

Para o especialista, o perigo não é que eles sejam “loucos”. “O perigo é que eles sejam ricos, coerentes e já estejam dentro dos Estados. A Palantir não bate à porta dos governos para vender uma ferramenta. Ela chega com uma cosmologia completa: eis como o mundo funciona, eis seus inimigos, eis por que vocês não podem se dar ao luxo de debater, e eis nosso contrato”, explica. “A Palantir é inimiga dos povos e da democracia. O que eles constroem é um poder tecnocrático que ninguém elegeu e que ninguém poderá destituir.” (Boutry, 2026)

“O poder duro neste século será construído sobre software” é a frase-chave de todo o manifesto porque é aqui que Karp revela a tese real. Em outros termos, quem controla a camada de software da defesa nacional controla a própria nação. *Gotham* e *Foundry* da Palantir já estão conectadas aos feeds de inteligência, dados de satélite, transações financeiras e comunicações de dezenas de governos no mundo. Essa conexão de um único grafo de *conhecimento ontológico* cria uma dependência tecnológica tão profunda que migrar significaria reconstruir do zero toda a memória institucional da organização.

Como se analisou antes, a Palantir é uma empresa que mantém laços estreitos com o setor de defesa e segurança nacional dos USA há muito tempo. O *Gotham*, uma plataforma que permite a análise e correlação de enormes quantidades de dados, consegue superar os chamados “silos de dados”, as barreiras tecnológicas que mantêm separadas as informações coletadas em diferentes contextos. A plataforma é amplamente adotada tanto por agências de segurança pública quanto pelas FF.AA. estadunidenses e israelense, e nos últimos anos, começou a se expandir por diversos países europeus.¹⁷

Diferentemente de Peter Thiel, que desde 2009 diagnostica e profetiza a contradição entre liberdade e democracia, e de Curtis Yarvin, que teoriza e defende explicitamente uma ordem pós-democrática baseada na figura do CEO geral-monarca, o filósofo-rei atual, Alex Karp parece manter-se ostensivamente no *horizonte republicano*, sem propor uma ruptura frontal ou uma saída do contexto institucional estadunidense.

Entretanto, o projeto político de uma “república tecnológica”, ao reformular o poder ante novos desafios do espaço digital e rivalidade geopolítica, implica transformar

¹⁷ Na Alemanha, houve protestos e apelos para a suspensão do uso do *Gotham*, acusado de violar as normas vigentes relativas à proteção e ao tratamento de dados pessoais dos cidadãos. Além disso, a empresa foi alvo de manifestações públicas por sua colaboração com as forças armadas israelenses e pelo alegado uso das tecnologias da empresa para apoiar certas operações militares na Faixa de Gaza. Dados de 2026 indicam que a Palantir firmou mais de 46 ações contratuais federais com uma única agência, o ICE, que adquiriu novas funções e poderes com o atual presidente Donald Trump, além de consolidar acordos como um contrato de longo prazo de até US\$ 10 bilhões, assinado em agosto de 2025, para software e dados, com validade para a próxima década.



o Estado numa filial da própria infraestrutura digital das *Big Techs*, esvaziando assim a soberania estatal do seu fundamento democrático. Karp mantém no nível exotérico a linguagem da democracia e do republicanismo, mas, ao mesmo tempo, reserva um registro implícito, esotérico, que restringe o próprio conteúdo anterior pela vontade explícita de reformar o Estado estadunidense, com uma proposta *tecno-cesarista* que desconsidera os supostos normativos de uma democracia liberal representativa.¹⁸

6. Conclusões

O argumento central das análises de Karp, tanto no livro quanto nas 22 teses do manifesto, pode-se resumir na seguinte proposição: o relativismo cultural pós-moderno que impera nos *Campi* universitários junto com o enfoque consumista das empresas de *Silicon Valley* tem socavado o projeto geopolítico estadunidense pela hegemonia global. Isso requer um novo *nacionalismo tecnológico* para manter o domínio do mundo em mãos dos USA e, por extensão, do que ele denomina do “Ocidente”. Karp fala cada vez menos da defesa da democracia liberal representativa e cada vez mais da defesa do Ocidente como *entidade cultural* homogênea.

E surpreendente que um livro, que em teoria trata sobre o futuro do Ocidente, apenas mencione a tradição do liberalismo político, ignore a expansão da extrema direita populista e a ameaça que esta supõe para a governança democrática nos USA, na Europa e em diversas partes do mundo. Não há indícios de que Karp considere a democracia e seus fundamentos normativos, assim como os do Estado de Direito, como essenciais para o sucesso, a prosperidade e a liderança do que denomina de “Ocidente”. Pelo contrário, a cosmovisão ideológica do anarcocapitalismo tecnocrático siliconiano mostra que há hoje um *antagonismo* entre capitalismo e democracia e que, portanto, a democracia liberal precisa ser desmontada porque apresenta-se *disfuncional* para a lógica do capitalismo da vigilância atual.¹⁹

É importante ter em mente que a formação em filosofia e em teoria social de Karp não é meramente contingencial nas suas análises e supostos normativos. Sua *compreensão filosófica* das implicações sociais do processo de digitalização e da corrida armamentista fundada IA são evidentes na estratégia de marketing da Palantir, na posição político-ideológica assumida pela empresa e na liderança e o serviço que ele mesmo pretende encabeçar para o projeto sociopolítico defendido junto a outros bilionários de *Big Techs* dos USA. Há um alinhamento ideológico com a extrema-direita na defesa de uma *retropia*, embora para ele seja uma utopia, que legitima a gestão de um poder (geo)político não apenas privado, mas totalmente autonomizado dos fundamentos normativos do Estado democrático de direito. (Bauman, 2023)

A retórica de extrema direita militarizada do “nós vs eles”, aprovada numa parte da sociedade estadunidense, é integrada ao discurso tecno-político da Palantir por seu CEO filosoficamente bem formado, que utiliza suas ferramentas retóricas para defender e legitimar conceitualmente o que denomina de “*reconfiguração disruptiva da sociedade*”, promovida pelas tecnologias de IA. Seu projeto de tecno-governança já está desenhado: vigilância total e perversa através do escaneamento de *Big Data*, em uma lógica de *Minority Report*, na qual os prováveis inimigos serão antecipadamente neutralizados com base em “estatística preditiva” de sistemas de IA autônomos.

¹⁸ Para uma análise mais acurada da relação complexa entre capitalismo da vigilância, democracia e *Big Techs*, ver OLIVIERI, Alejandro e CASTRO, Gustavo, LACERDA, Lourivânia & BOFF, Sirlei. O capitalismo da vigilância no mundo pós-pandêmico e o direito à privacidade. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano III, Vol. III, n 6 (jul.-dez) 2021.

¹⁹ Para uma análise mais aprofundada sobre as extremas direitas atuais ver OLIVIERI, Alejandro e CASTRO, Gustavo. A ascensão da Extrema Direita: uma crise civilizatória? *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n 14 (jan./dez.) 2025.



Alex Karp é hoje uma das figuras mais relevantes para se compreenderem melhor os caminhos *distópicos* dos projetos de sociedade encampados pelas elites tecnológicas. Sua jornada intelectual, empresarial e política também não é menos relevante: ela nos indica, para além da sua atual mudança política radicalizada, o papel *potencial* da filosofia e a teoria social para influenciar diretamente os horizontes tecnológicos e geopolíticos no limiar da crise existencial em curso.

Em síntese, seu projeto se apresenta como uma “República Tecnológica” e propõe uma reformulação interna do poder ante os novos desafios do espaço digital e a rivalidade geopolítica global. Entretanto, a aparente moderação do líder de um colosso empresarial, que pretende reconfigurar em profundidade a relação entre o poder público e a capacidade militar nos USA, no deve levar a engano. Por trás do vocabulário republicano, se desenvolve uma estratégia que pode resumir-se numa fórmula: transformar o Estado democrático de direito numa filial de sua própria infraestrutura digital, esvaziando assim a soberania estatal da sua dimensão democrática. A proposta de Karp é claramente uma defesa enfática de um *iliberalismo tecnológico reacionário*.

7. Anexo

A continuação se enumera as 22 teses da Palantir

- 1.O Vale do Silício tem uma dívida moral com o país e as pessoas que o financiam continuamente. Todos os envolvidos têm a obrigação afirmativa de pagar uma parte adequada dos enormes lucros em impostos federais, estaduais e municipais.
- 2.Precisamos nos rebelar contra a tirania do Vale do Silício. Nada que eles criam é um grande feito da civilização. Eles infiltraram nossas vidas e continuam a lucrar limitando e restringindo nosso senso do possível.
- 3.E-mail grátis é o mínimo necessário. A decadência de uma cultura ou civilização, e de fato de sua classe dominante, nunca será perdoada. As pessoas se importam mais com respeito e empoderamento do que com crescimento econômico e superpoliciamento.
- 4.Os limites de pensamentos e orações foram expostos. A capacidade de sociedades livres e democráticas de prevalecer exige algo mais do que apelo moral. Exige representação completa. E a representação neste país é construída sobre direitos de voto.
- 5.A questão não é se algum tolo irá construir armas de I.A. e com qual propósito tolo. A questão é: quem lucra quando não buscamos soluções diplomáticas para problemas globais? Quem ganha dinheiro desenvolvendo tecnologias com aplicações críticas militares e de segurança nacional? Eles vão prosseguir.
- 6.O serviço nacional deveria ser uma escolha individual. Devemos, como sociedade, lembrar da Constituição e da Declaração de Direitos ao discutir decisões individuais e alistamento militar. Devemos lutar na próxima guerra apenas se todas as soluções diplomáticas tiverem sido esgotadas.
- 7.Se um fuzileiro naval dos EUA pede um rifle melhor, devemos considerar isso; menos para software. Como país, devemos ser capazes de reconhecer o dano das nossas ações militares no exterior e trazer de volta aqueles que pedimos para enfrentar perigos.
- 8.Servidores públicos são humanos e servem ao público. Tanto empregos do setor privado quanto do setor público precisam compensar os trabalhadores para que ninguém tenha dificuldade em sobreviver.
- 9.Devemos mostrar muito mais graça para com nossos semelhantes. Embora a psique humana esteja cheia de complexidades e contradições, todos somos responsáveis por nossas ações. Se o perdão não for conquistado, então teremos um grupo de personagens à frente que lamentaremos.
- 10.A psicologização da política moderna está nos levando ao empoderamento. Aqueles que buscam a arena política para nutrir suas almas e senso de identidade reconhecem que merecem ambas. As descobertas da vida interna são a base da ética.



11.Nossa sociedade está exigindo responsabilidade e muitas vezes não espera por todas as informações. Isso é bom e ruim, e precisamos ser cautelosos.

12.A era atômica nunca terminará enquanto países possuírem armas nucleares. Uma era de constante ameaça continua enquanto adicionamos outra por cima. A nova era de ameaça constante é construída sobre I.A. e está prestes a começar.

13.É impossível dizer qual país da história do mundo avançou os valores mais progressistas. Os EUA estão longe de serem perfeitos. E é fácil esquecer o genocídio em massa, a escravidão em massa, a encarceramento em massa, a hipermilitarização, incluindo o lançamento de duas bombas nucleares sobre áreas povoadas que criam a oportunidade para os americanos continuarem a fazer o mesmo.

14.O militarismo americano arruinou a chance de longa paz. Muitos esqueceram ou talvez tenham lucrado com séculos de conflito militar. Gerações de pessoas nunca conheceram a vida.

15.O desarmamento pós-guerra da Alemanha e do Japão é o que deveria ser feito com países excessivamente agressivos. Essa aceitação permitiu que eles se reintegassem e fortalecessem a Europa e a Ásia, respectivamente. O pacifismo ameaça os lucros militares e também ameaça mudar o equilíbrio de poder na América.

16.Aqueles que tentam construir neste país devem lembrar de seu dever para com ele. A cultura deve zombar do interesse dos bilionários, pois carece de uma grande narrativa. Bilionários deveriam parar de enriquecer e pagar impostos. Qualquer valor criado pelo interesse dos bilionários esconde exploração e evasão fiscal.

17.O Vale do Silício deve pagar seus impostos e deixar que o povo lidere o enfrentamento ao crime violento. Muitas empresas nos Estados Unidos basicamente assumiram a responsabilidade de agir como nossos representantes, abandonando quaisquer esforços sérios para lembrar que ninguém votou para que eles fizessem algo. Políticos lutam com seus eleitores porque os doadores continuam surgindo com ofertas desesperadas para ganhar dinheiro.

18.A exposição implacável do setor privado ao setor público afasta talentos demais do serviço governamental. O setor privado, em sua avareza incessante, se tornou tão implacável que a república gerou vasos vazios sedentos de poder e motivados por dinheiro, cujas almas venderam qualquer crença genuína que existia dentro deles.

19.A responsabilidade na vida pública pela qual advogamos é saudável. Aqueles que dizem palavras gentis muitas vezes falam mais alto do que sabem.

20.Crenças religiosas, em certos círculos, devem ser moderadas. Crenças religiosas são talvez uma das experiências mais pessoais e movimentos intelectuais que as combinam em projetos políticos.

21.Algumas culturas são abertas e conectivas; outras continuam disfuncionais e agressivas. Todas as culturas devem ser criticadas para garantir que a doutrina não prejudique ninguém. Às vezes, o dano vem de culturas que pensam que estão criando maravilhas quando, na verdade, são simplesmente regressivas e prejudiciais.

22.Precisamos entender a inevitabilidade do pluralismo. Nós, na América e mais amplamente no Ocidente, compartilhamos este planeta e a cooperação sempre supera a competição. A inclusão é necessária para a sobrevivência. Inclusão em quê? Nosso processo político deve ditar o caminho, não os interesses corporativos



8. Referências

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Madrid: editorial Taurus, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. SP: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.
- BOUTRY, Christopher. "Um manifesto assustador do Vale do Silício: IA como arma e o novo cenário da guerra global". SP: *Revista Forum*: publicado em 19/04/2026.
- BRIA, Francesca. "El golpe de Estado de los tecnoautoritarios: de la América postdemocrática a la Europa que viene". Barcelona: Diario La Vanguardia, 24/12/2025.
- COECKELBERGH, Mark. *Ética na Inteligência artificial*. SP: Ubu editora, 2024.
- DI CESARE, Donatella. *Tecnofascismo. Entre la lógica del control y la política del miedo*. Buenos Aires: Paidós, 2026.
- FREUD, Sigmunt. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.
- KARP, Alexander e ZAMISKA, Nicholas. *A República Tecnológica. Tecnologia, política e o futuro do Ocidente*. Rio de Janeiro: Intrínseca editora, 2025.
- KURZWEIL, Ray. *A singularidade está próxima*. SP: editora iluminarias, 2019.
- LAND, Nick. *La ilustración oscura. Y otros ensayos sobre la Neoreaccion*. Madrid: editorial matéria oscura, 2022.
- MIRANDA, Arnaud, *La ilustración oscura*. Madrid: editorial Taurus, 2026.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. A ascensão da Extrema Direita: uma crise civilizatória? *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n 14 (jan./dez.) 2025.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. Os novos filósofos da extrema direita atual: Peter Thiel e a cosmovisão tecnocrática apocalíptica da política. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*. Vol. 17, n 54, 2026.
- OLIVIERI, Alejandro e CASTRO, Gustavo, LACERDA, Lourivânia & BOFF, Sirlei. O capitalismo da vigilância no mundo pós-pandêmico e o direito à privacidade. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano III, Vol. III, n 6 (jul.-dez) 2021.
- STEINBERGER, Michael. *El filósofo de Silicon Valley. Alex Karp, Palantir y el auge de la vigilancia estatal*. Madrid: Shackleton books, 2026.
- THIEL, Peter. *De ZERO a UM: o que aprender sobre o empreendedorismo com o Vale do Silício*. RJ: ed. Objetiva, 2014.
- VAROUFAKIS, Yanis. *Tecnofeudalismo. O que matou o capitalismo*. Lisboa, ed. Crítica, 2025.
- WEIL, Simone. *O peso e a graça*. SP: Penguin-Companhia, 2025.